

# Leis do mercado e fé

Resumo da palestra de Franz Hinkelammert

## *Teologia do sacrifício justifica economia de mercado produtora de empobrecimento e sofrimento*

**A** princípio, parece não haver relação entre economia e teologia; contudo, é importante percebê-la. Vários exemplos podem demonstrar tal relevância. Um muito significativo diz respeito à dívida externa. Quando no final dos anos 60 o peso da dívida externa sobre os países do Terceiro Mundo aumentou, a tradução de um dos textos mais caros à tradição cristã sofreu alterações, o Pai Nosso.

Numa de suas intercessões o texto que usava a relação perdão das *dívidas*/perdão dos *devedores* agora passou para perdão das *ofensas*/perdão dos que *ofendem*. Passamos da original ética comunitária-solitária, que trata do perdão a *dívidas* impagáveis (Deus perdoa apesar de nossos pecados e seu perdão nos compromete à mesma atitude), para uma tradução que alimenta uma ética individualista-egoística do perdão a quem não cumpre a lei, a quem ofende a lei. A lei foi transgredida enquanto que originalmente no Pai Nosso a lei/dívida é abolida (perdão da dívida). As conseqüências econômicas são óbvias, há que se cumprir contratos, a lei do mercado, e não perdoar a dívida externa, pois a justiça é a da lei do mercado. A quem transgride a lei se pode perdoar, mas a lei não se pode abolir.

Outro exemplo desta relação encontramos nos albores da sociedade burguesa, que nasce no século 11 e não no 14, como muitos pensam. O exemplo a que nos referimos é o da teologia do sacrifício de santo Anselmo de Cantuária — também de Bernardo de Claraval e Tomás Kempis.

O argumento de santo Anselmo é conhecido: a relação "paradisíaca" com Deus foi rompida pelo pecado, Deus foi ofendido em sua glória e isto é irreparável pelo homem; então, o próprio Deus, em sua bondade, se faz homem e paga nossa dívida para com ele, sacrificando a vida de seu filho Jesus Cristo. Portanto, se Deus pode sofrer por nós, dando a vida de seu filho, devemos sofrer também para cumprir a lei até que venhamos a viver com Deus na glória. As conseqüências são óbvias: devemos cumprir a lei, a lei do mercado, os contratos. Anselmo substitui o Deus que perdoa a dívida pelo demônio que cobra. O problema da tradução do Pai Nosso já existia em Anselmo, mas "o texto do Pai Nosso é demasiado unívoco para permitir alguma dúvida sobre seu significado original".

**Leis do mercado e lei da história** — O relacionamento entre teologia e economia não se reduz à questão da dívida externa. O deus de Anselmo desce à terra, é o deus da lei do mercado, da ética do mercado. Deus é um fim em si, o mercado não. O mercado interconecta o fim último dos homens, e o fim dos homens é a realização das necessidades individuais, e isto se dá no cumprimento dos contratos. Assim, o mercado harmoniza estes fins. Esta é a metafísica do mercado que toma corpo entre os séculos 16 e 17.

Isto passa a constituir-se como a utopia da burguesia; o mercado harmoniza e realiza os fins dos indivíduos. Agora temos a ciência como instauradora de regras de convivência ao invés da ética. Se é realizado o fim do indivíduo que o mercado harmoniza os fins de todos, então não se deve mais repartir com o que não tem, pois assim ele não vai buscar realizar seu fim. É o apostolado do não-dar da Opus Dei e de David Stockman. É a mística do interesse próprio. "O mercado é amor"

Foi Adam Smith quem formulou esta metafísica. Ele nos diz que a sociedade é um espaço de serviços mútuos, onde cada um realizando seu interesse particular realiza o do próximo. Assim, os homens não pedem generosidade, nem são generosos, pedir é próprio dos animais. Amar o próximo, então, é ser egoísta.

Esta utopia da burguesia é que justifica os custos pagos pelo povo diante da empreitada burguesa para alcançar o "bem social". E o bem social é o bem burguês. A utopia justifica a destruição de milhões de vidas humanas. Para o FMI a cobrança da dívida externa é um bem para a humanidade.

**A vítima da lei da história** — Na medida em que há uma lei metafísica fica patente a relação entre teologia e economia. Contudo, na medida que esta lei metafísica se reveste de "cientificidade", dificulta o diálogo, mesmo o teólogo fica intimidado diante da cientificidade.

Diante dela as palavras da tradição perdem seu peso. É necessário recorrer-se a outra referência, que seja real, concreta e que restabeleça o sentido. "Esta referência só pode ser a vítima deste tipo de leis metafísicas da história". Assim, as vítimas são o critério de verdade da lei do mercado. A partir da vítima é que se pode contestar a lei; um determinado conhecimento é válido se não produz vítimas. Mas a lei do mercado produziu, e esta vítima é a população pobre dos três continentes. E a fé nos leva, então, à solidariedade com os pobres; mas "é unívoca a fé"?



A fé cristã já serviu de justificativa para a opressão causada pela lei do mercado. A teologia do sacrifício desde Anselmo tem sido utilizada para justificar o empobrecimento e o sofrimento. Não se pode ser solidário com o pobre a partir desta teologia, só consolá-lo. É doloroso perceber que uma tradição que alimenta há mais de mil anos a fé cristã justifica a lei do mercado, produtora de vítimas.

Mas há outra tradição sacrificial que deve ser levada em conta para se ser solidário com as vítimas: a tradição do sacrifício de Isaac (Gn 22). Aí a vítima é poupada. Diante do questionamento da vítima o carrasco muda de atitude, Deus se mostra Deus da vida. Isaac é libertado por Deus, liberta Abraão e encontram-se os dois livres. Deus é Deus-dos-que-se-levantam-contra-o-sacrifício. "Portanto, o deus que ordenava sacrificar Isaac resulta num falso deus".

Não há outra tradição que se coloque desde a vítima. A tradição greco-romana não conhece isto; nela é justo sacrificar-se um inocente em troca de um fim desejado. A liberdade grega não é mais do que aceitação livre de leis, a liberdade abraâmica é liberdade diante da lei. A tradição transformou a liberdade cristã na continuação do projeto greco-romano. Urge trazê-la de volta às origens judaicas (abraâmicas).

**A fé no interior da economia** — "Hoje faz falta a fé, fé para reivindicar a liberdade diante da lei do mercado. Todos hoje são Isaac mas o carrasco não quer se reconhecer como Abraão. Porém não falta só fé. Também faltam técnicas adequadas que permitam solucionar o problema".

Há que se pensar numa economia que "garanta a sobrevivência dos seres humanos através de seus

trabalhos e adequada distribuição de recursos baseada no respeito à sobrevivência do meio ambiente (natureza)". Contudo, a economia acadêmica considera estes termos como esotéricos, não-científicos.

A economia tornou-se uma ciência ao contrário; enquanto toda ciência procura técnicas que solucionem seus problemas sempre de uma forma melhor e mais adequada, a economia se enreda numa apolo-gia da não-solução sem buscar ou deixar que se busque alternativas.

Contudo, há que se buscar alternativas. É melhor fazer algo que não fazer nada. Assim, aqueles que buscam alternativas ficam obrigados a trabalhar em institutos pequenos e com poucos recursos. E a sociedade tenta impedir o mais que pode qualquer novidade, renovação ou alternativas.

A fé impõe a necessidade de construir-se uma economia correspondente ao projeto de Deus (às exigências da fé). Esta economia não pode desconsiderar o papel do carrasco, ele tem que reconhecer-se como Abraão e converter-se. "A saída não pode ser um produto da luta de classes".

Termino citando Bonhoeffer: "Melhor que a verdade na boca de mentiroso é a mentira, melhor que o amor ao próximo do inimigo é o ódio... Que o mal apareça em forma de luz, de bondade (...) de justiça social, é para aquele que pensa em termos simples uma clara confirmação de sua maldade abismática".

**Franz Hinkelammert**, economista, é autor de, entre outros, *As armas ideológicas da morte* e *Crítica da razão utópica* (Paulinas). Resumo preparado por Jorge Atilio Silva Iulianelli.

# Pastoral e dívida externa

## Resumo da palestra de Zwinglio Mota Dias

### *É preciso uma pastoral ecumênica para o enfrentamento de questões como a da dívida externa*

**O** enfrentamento pastoral da questão da dívida externa é desafiante, pois, em última análise, é aqui que está em jogo nosso compromisso com a manutenção da ideologia de dominação, que justifica o pagamento da dívida, ou com sua superação.

Portanto, é uma questão complexa, que tem a ver com as práticas distintas de igrejas diferentes, e aqui há uma questão prévia de enormes consequências. A dívida atinge a todos os latino-americanos, todos os povos do Terceiro Mundo, e não ao povo desta ou daquela igreja, exigindo assim uma ação mobilizadora do todo e não apenas de algumas partes.

Podemos, então, tentar abrir algumas picadas nesta floresta de problemas, enfrentando a questão por dois ângulos diferentes: problematizando a perspectiva de uma pastoral ecumênica desde a compreensão de que ela é necessária; percebendo como motivar uma prática ecumênica desde nosso contexto de divisão e concorrência religiosa.

**Necessidade de uma perspectiva ecumênica** — Como dissemos, a questão da perspectiva ecumênica no âmbito da ação pastoral perpassa a realidade das diversas igrejas. De saída coloca-se o problema da autocompreensão das igrejas. Só para termos uma referência, devemos entender que o protestantismo em geral, e o protestantismo de missão em particular, se conformaram como "religião da minoria" e, portanto, como "religião de resistência", conseqüentemente anticatólico. Por outro lado, o catolicismo, até há bem pouco tempo, se colocava como "reli-